

SOCIEDADE, GÊNERO E ETNIA: UM ESTUDO COMPARATIVO DAS PERSONAGENS FEMININAS NOS ROMANCES O SÉTIMO JURAMENTO E BALADA DE AMOR AO VENTO DE PAULINA CHIZIANE

Camilla Rodrigues Protetor¹
Amara Cristina de Barros e Silva Botelho²

RESUMO

O presente trabalho tem como corpus os romances *Balada de amor ao vento* e *O sétimo juramento*, respectivamente publicados pela primeira vez nos anos de 1990 e 2000, de autoria de Paulina

¹ Mestrado UFPE - camilla.protetor@hotmail.com

² Doutorado UPE - acristinabotelho@gmail.com

Chiziane, obras que colocam em evidência a imagem feminina mimetizada inserida no recorte histórico da Moçambique colonial e pós-colonial de espaço e tempo ficcionais. Deste modo, o presente artigo busca, não somente, analisar a imagem feminina e a construção de sua identidade, os conflitos entre tradição e modernidade que permeiam a esfera sociocultural e religiosa, mas através de um estudo comparado entre os dois romances busca-se a preservação da literatura nacional através dos conceitos de africanidade e moçambicanidade presentes nas obras. Saliente-se que para compor este trabalho serão utilizadas as teorias de CANDIDO (1969; 2011) nas quais se fazem presentes conceitos e sobre personagem e sobre Literatura e Sociedade; de ZINANI (2013) a qual questiona gênero e feminismo, DUARTE (2011) e LEITE (2012) que discutem a construção da literatura moçambicana nacionalista, BRUNEL (1990) que trata os questionamentos a respeito do estudo comparado e, por fim, POUTGNAT; STREIFF-FENART (2011) que trazem os questionamentos a respeito da etnia.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura moçambicana. Estudo comparado. Gênero. Sociedade. Etnia.

ABSTRACT

This work is the *corpus the romance Balada de amor ao vento* and *O sétimo Juramento*, respectively first time published in 1990 and 2000, written by Paulina Chiziane, books that put in evidence the female image mimicked inserted into the historical period colonial and postcolonial of Mozambique with space and fictional time. That way, this article aims not only to analyze the female image and the construction of their identities and conflicts between tradition and modernity that permeates both the socio-cultural sphere as religious through a comparative study, as well as expose and explore a country of rich and expansive culture and the preservation of a national literature with the concepts of africanism and mozambicanity from the literary text. Please note that to compose this work CANDIDO (1969, 2011) will be used theories in which is present the theorizing about character and society, ZINANI (2013) that questions gender and feminism, DUARTE (2011) and LEITE (2012) discuss the construction of prawns nationalist literature, BRUNEL (1990) which treats questions about the study compared and, finally, POUTGNAT; STREIFF-FENART (2011) that bring questions about ethnicity.

KEYWORDS: Mozambican literature. Comparativestudy. Genre. Society. Ethnicity.

INTRODUÇÃO

Sou uma raça, sou uma tribo, sou um sexo, sou tudo o que me impede de ser eu mesma.

Mia Couto

O presente artigo tem como finalidade a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Letras (TCC), cujo objetivo é analisar, através de um estudo comparativo, as obras *Balada de amor ao vento* e *O sétimo Juramento*, desta forma, seu principal arcabouço teórico centra-se em: gênero, sociedade, etnia. Como suporte as teorias antes enumeradas tem-se, a problemática de identidade, mito, religião e cultura, que envolvem as personagens femininas, como aspectos inerentes e indispensáveis para o estudo dessas obras da literatura moçambicana.

Considerando a demanda dos estudos relacionados à cultura africana, este artigo se revela importante, pois nele reside a preocupação em se estudar obras que estão intimamente ligadas aos problemas sociais, destacando-se a imagem feminina e seu convívio familiar. Há de se destacar também a predileção por trazer o confronto entre tradição e modernidade, a religião como forma libertaria e a exaltação da nacionalidade, deixando evidentes grandes e fortes marcas culturais.

A problemática de gênero torna-se viável e essencial para este estudo, visto que Chiziane trata em *Balada de amor ao vento* e *O sétimo juramento* dos problemas sociais vividos pelos que estão à margem da cultura tradicional e patriarcalista, ou seja, a mulher que através da religião e suas dualidades culturais tenta se libertar dos seus gritos silenciados. Assim, Chiziane traz a problemática de gênero, religião e a etnia como temas atuais e atemporais.

A sociedade também é importante neste estudo, visto que será estudada de dentro para fora, ou seja, será visada dentro do texto literário e ficcionalizada, determinando a importância da cultura moçambicana num recorte temporal do colonialismo e do pós-colonialismo, evidenciando a influência sócio-familiar no comportamento das personagens protagonistas Vera e Sarnau.

Para isto, o estudo comparativo dar-se-á através da análise das questões de gênero entre as protagonistas femininas, das obras em análise, e suas relações familiares, sociais, étnicas e religiosas.

Trata-se de uma investigação cujos resultados irão favorecer o trabalho com o texto literário, tendo em vista que permitirá divulgar a produção literária da primeira romancista africana de Língua Portuguesa, além de contribuir para o cumprimento da lei 10.639/03 que reconhece a importância da cultura africana para cultura brasileira.

Saliente-se também que o artigo está dividido em exposição teórica que serve de norte para este estudo – gênero, sociedade, etnia e personagem – e a análise comparativa dos romances – *Balada de amor ao vento* e *O sétimo juramento* – no que se relaciona a imagem das personagens femininas.

Desta forma, o trabalho que resulta desta proposta de investigação também tem sua significação como trabalho de conclusão do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Inglesa e suas respectivas literaturas, cujo objetivo é também coletivizar os resultados através de uma publicação.

2. CONCEITOS INICIAIS: QUESTÕES DE GÊNERO, SOCIEDADE, ETNIA E PERSONAGEM

É notório o caráter emergente da literatura africana, que traz os problemas sociais como uma de suas principais temáticas. Desta forma, Chiziane mimetiza a realidade trazendo para as obras temáticas que se aproximam do real. É baseada nesta perspectiva que Paulina Chiziane dá voz as personagens femininas, lançando-as como protagonistas das suas próprias histórias. Embora o romance tenha o relato ficcional como aspecto principal, não é de se negar que a autora traz características históricas reais, do período colonial e pós-colonial, para as suas obras.

Através da mimese do cenário real, a autora discute a identidade africana e os problemas sociais ligados ao desenvolvimento social e político de Moçambique, principalmente aqueles que evidenciam a mulher.

Desta forma, as

Literaturas emergentes como a africana cultivam temas ligados à resistência, como: emigração, antievasão, o papel da mulher, a significação da terra, mito, crenças, como forma de preservar que tanto as fontes da cultura popular quanto as raízes nacionais, autênticas determinantes da busca de identidade (DUARTE, 2011, p. 80).

O papel das personagens femininas nas obras de Paulina Chiziane é de suma importância, pois, libertas de seus gritos silenciados, elas conduzem o enredo dos romances, permeados de patriarcalismos e tradicionalismos da cultura bantu moçambicana. Esta questão nos remete a problemática de gênero que na obra vem explicitada.

Durante séculos, a mulher está sujeita e vem sendo alvo de resignações, imposições e formações culturais machistas. É a partir disto que nos romances *O sétimo juramento* e *Balada de amor ao vento* a mulher vem mimetizada e representada por personagens femininas que se tornam protagonista das obras de autoria de Paulina Chiziane, as quais ainda são símbolo de erotismo e sensualidade, e mais, de submissão e serventia. E a partir de um dado momento se rebela contra o tradicionalismo e passa sujeitar-se às suas próprias vontades.

Segundo Duarte (2011, p.79), a “[...] mulher africana historicamente [está] ligada à transmissão de valores culturais como hospitalidade, respeito aos mais velhos rituais, usos e costumes.”

Assim, Zinani (2013, p.55) completa,

A constituição do sujeito feminino é um processo com raízes históricas que implica transformações relevantes na sociedade, uma vez que a mudança da mulher acarreta modificações nos papéis sociais que deixam de ser fixos e definidos, tornando-se abertos e indeterminados.

Essas personagens são protagonistas da realidade cultural e social da mulher moçambicana mimetizadas. Segundo Brait (1990, p.31) a personagem de ficção está inserida numa realidade ficcional criada pelo autor e só se manifesta “a partir de uma seleção do que a realidade lhe oferece, cuja natureza e unidade só podem ser conseguidas a partir dos recursos utilizados para a criação.”, caracterizando, desta forma, a personagem como uma mimese do real. Assim, são acrescentadas de sensibilidade, ações e sentimentos que lhes dão impressão de que são reais, mas que diferente dos seres vivos, visto que suas reações são controladas e restritas pelos recursos da linguagem delimitados pelo autor.

Desta forma, a realidade torna-se apenas um referencial para nortear a construção da personagem, daí a importância da linguagem para tal façanha:

O romanista [...], arranja uma porção de massas verbais, descrevendo a grosso modo a si mesmo, [...] dá-lhes nomes e sexo, determina-lhes gestos plausíveis e as faz falar por meio de aspas e talvez comportarem-se consistentemente. Essas massas verbais são suas personagens. [...] Sua natureza, no entanto, está condicionada pelo que o romancista imagina sobre [sic] outras pessoas e sobre [sic] si mesmo, e, além disso, é modificada por outros aspectos de seu trabalho. Foster (1969, p.34)

Completando o conceito proposto por Foster, Brait (1990, p. 52) diz que,

A materialidade desses seres só pode ser atingida através de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis os seus movimentos [...] o texto [...] é o único dado concreto capaz de fornecer elementos utilizados pelo autor [...], para caracterizar as personagens, sejam elas encaradas como pura construção linguístico-literária ou espelho do ser humano.

Já Candido (2005, p.69) ressalta que,

O nosso ponto de partida foi o conceito de que a personagem é um ser fictício; logo, quando se fala em cópia do real, não se deve ter em mente uma personagem que fosse igual a um ser vivo, o que seria a negação do romance.

Dentro desse contexto ficcional, cabe ainda destacar a participação feminina nos rituais de iniciação, que estão presentes nos dois romances, os quais estão relacionados a um grupo restrito de participantes que compartilham de ideias semelhantes, do que resulta um forte caráter étnico na obra.

Delimitar e conceituar o que seria etnia não é uma tarefa fácil, porque, além de envolver aspectos culturais e intelectuais, é por vezes confundido com o conceito de nação e raça. Cabe, por assim dizer, que a etnia liga-se ao fator identitário.

Assim, para Vacher de Lapouge (apud Poutignat; Streiff-Fenart 2011 p. 33-34) há uma distinção entre raça e etnia, o primeiro será definido por ele:

Como o conjunto dos indivíduos que possuem em comum um determinado tipo hereditário, é o fator fundamental da história. [E ainda complementa dizendo que raça é] [...] identificada pela associação de características morfológicas (altura, índice cefálico etc.) e qualidades psicológicas –, com um modo de agrupamento formado a partir de laços, intelectuais, como a cultura ou a língua.

Já a etnia reuniria um composto de organizações comuns, mas provenientes de sujeitos de raças distintas. Neste caso, para Warner (apud Poutignat; Streiff-Fenart, 2011 p. 22) etnia seria: “uma das características que modificavam o sistema social e são modificadas por ele, e as outras características são a idade, o sexo e a religião.”.

Baseado na definição proposta por Warner, os rituais de iniciação – lobolo, puberdade e feitiçaria – referidos por Chiziane em *Baladas de amor ao vento* e *O sétimo juramento*, são oriundos de um determinado grupo étnico – bantu – que partilham de ideias comuns.

Não se pode dizer que a obra não receba influência do meio social, mas também, não se pode considerar que a realidade da obra é simples e pura reconfiguração do real, pois se assim for considerada perdem qualidade artística e diminuiria sua valoração estética, o que acarretaria diminuição de valor literário. A obra em si tem sua estética e prega costumes, modos e modas através de uma relação mimética, atrelada as vivências do autor. Desta forma, toda obra tem seu quinhão de real. Cabe dizer, ainda, que o autor recria a uma realidade social dentro da obra embasado em suas vivências.

Assim, é inegável a interferência do meio social na obra, da mesma forma que a obra pode interferir no meio social. É assim, que os romances de Chiziane trazem um recorte do real pra expor as problemáticas sociais daquele determinado grupo.

Segundo Candido (2011, p.13-14, grifos do autor)

[...] o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. [...], além disso, o próprio assunto repousa sobre condições sociais que é preciso compreender e indicar, a fim de penetrar no significado.

E completa dando a obra um segmento sistêmico de caráter múltiplo, dizendo:

Ela [a obra] se manifesta de maneira diversa conforme o momento histórico (exprimindo-se, por exemplo, como vocação, consciência artesanal, senso de missão, inspiração, dever social etc), permitindo-lhes definir um papel específico, diferente dos demais, e servindo-lhes de identificação enquanto membros de um agrupamento delimitado. (CANDIDO, 2011, p.85)

Candido acredita que a sociedade tem uma parcela de influência a respeito da obra, ou seja, o social modifica internamente a estrutura passando a desempenhar, como diz Candido (2011), um

papel interno, e não somente isso, a obra por ser um recorte mimético, recria uma realidade própria baseada num espaço-temporal real.

Para Wellek e Warren (1976) a obra literária depende não somente das somas sociais externas, mas também das internas, de modo que importa a origem social do escritor, sua base linguística e econômica.

Através da propagação cultural literária disseminada em alguns países africanos, surgem os conceitos de moçambicanidade e africanidade que estão relacionados à busca da identidade nacional. A estes conceitos inserem-se a aproximação da escrita à oralidade e a ligação aos griots – uma espécie de contador de histórias –, como meio de enaltecer a cultura local permeada de pluralismos, visto que se utilizam da língua, privilegiada, dos colonos para enaltecer a cultura nacional ligando os recursos linguísticos à oralidade.

Assim segundo Chaves e Macêdo (2006, p.20), “Cresce a consciência de que a preservação do pluralismo cultural é a única forma de garantir que a nossa arte, a nossa literatura com os outros elementos que definem a nossa identidade cultura, possam se manifestar e florescer no espaço que lhes é próprio.”

2.1. LITERATURA COMPARADA: ESTABELECENDO LIMITES

Inicialmente, a Literatura Comparada tinha por objetivo o estudo de obras, fossem elas pertencentes a uma mesma época ou não. Destaca-se que o intuito era analisar as origens e traços, estabelecendo relações entre as obras em análise. A partir destes estudos surgiram questionamentos sobre os limites da Literatura Comparada, Brunel et al (1990, p. 2) diz que “Certamente, comparar literatura não é fazer literatura comparada.”

Através do excerto acima, cabe a este tópico discutir brevemente a respeito do estudo que se pretende realizar nas obras *Balada de amor ao vento* e *O sétimo juramento*, com a finalidade de explicar porque a análise e relações destas obras não se enquadram nos conceitos de Literatura Comparada.

A Literatura Comparada tem como principal objetivo estabelecer relações sobre as obras estudadas, mas

[...]trata também da história, das idéias [sic], da psicologia comparada, da sociologia literária, da estética, da literatura geral.

[...] [utilizando o] Método histórico, genético, sociológico, estatístico, estilístico, comparativo, ela usa de cada um, segundo suas necessidades. (BRUNEL et al,1990,p. 139-140)

Para alguns comparatistas, a Literatura Comparada seria o desígnio daquelas pertencentes à cultura, língua e países distintos, ficando excluídas do objeto do estudo desta ciência as comparações entre obras nacionais e, para alguns mais radicais até, as traduções. Já para outros teóricos como Wellek e Warren (1976), há uma Literatura Comparada entre obras pertencentes a um mesmo país, contanto que tenham culturas diferentes, pois segundo ele, é possível que obras pertencentes ao mesmo país tenham culturas diferentes. Ele ainda completa sua teoria convergindo o estudo desta literatura com a geral, visto que, uma está indissociável da outra.

Portanto,

A literatura comparada é a arte metódica, pela pesquisa de vínculos de analogia, de parentesco e de influência, de aproximar a literatura dos outros domínios da expressão ou do conhecimento, ou, para sermos mais precisos, de aproximar os fatos e os textos literários entre si, distantes ou não no tempo ou no espaço, com a condição de que pertençam a várias línguas ou a várias culturas, façam elas parte de uma mesma tradição, a fim de melhor descrevê-los, compreendê-los e apreciá-los. (BRUNEL et al, 1990, p.140 grifos dos autores)

A respeito do que ficou esclarecido, infere-se que o presente trabalho não se trata de uma Literatura Comparada, embora busque relacionar duas obras com tempo e espaços distintos, porém como narrativas convergentes, pressupõe-se que não se enquadra na perspectiva exposta acima. Pois se trata de dois romances de mesma autoria e pertencentes à mesma cultura. Constata-se, por fim, que se trata de um estudo comparativo, no qual são relacionadas às temáticas abordadas por Chiziane.

3. A PERSONAGEM FEMININA: SOCIAL E FAMILIAR EM O SÉTIMO JURAMENTO E BALADA DE AMOR AO VENTO

Compreendeu finalmente que a vida é a dor e a alegria, a vitória e a derrota, a ofensa e o perdão, o amor, o ódio, e todos os contrários.

Paulina Chiziane

A obra *O sétimo juramento* traz em Vera a imagem feminina ficcional da sociedade pós-colonial, personagem esta que deixou sua tradição para seguir os caminhos do catolicismo da família do seu marido e que se vê, no decorrer da narrativa, ligada a ritos de feitiçaria praticados pelo marido. Já em *Baladas de amor ao vento*, Chiziane traz a trajetória de Sarnau que apaixonasse por Mwando, mas é trocada por um casamento arranjado entre famílias de posses, dividindo esta personagem entre o amor verdadeiro e o casamento arranjado.

A autora trata também do impasse das religiões, a tradicionalista de matriz africana que resgata os mitos e ritos, característicos de uma determinada etnia, e a Católica trazida pelo colonizador e imposta a uma parcela da população e posteriormente concebida como religião assimilada. Chiziane apresenta nas narrativas as próprias personagens transitando e questionando-se entre as duas religiões,

[...] colocou os defuntos e outros deuses à altura dos homens para mais depressa socorrerem os problemas do universo. A eles cabe o papel intermediário entre o homem e o deus maior. Na zona dos tsonga os possessos falam em ndau, em zulu e em nguni. Mas porquê estas línguas e não as línguas maternas dos possessos, verdadeira **língua dos seus antepassados?** David corre a memória para os velhos tempos da escola católica. Nos anos cinqüenta, os padres não pregavam noutra língua que não fosse o latim. **Porque era a língua da pureza. Do papa. Língua do céu. Língua de Deus.** (CHIZIANE, 2008, p.106, grifos nossos)

Já em *Balada de amor ao vento*, Sarnau passa a frequentar a missa, mesmo sem que compreenda o que está sendo dito, "Num belo domingo, [...]. Entrei na igreja com toda a solenidade, sentei-me à frente para que ele me visse bem, pois estava bonitinha só para ele. O padre disse tanta coisa que não entendia." Chiziane (2003, p.16)

Ao tratar dos rituais na cultura africana não se pode dissociá-los da religião, pois eles se inserem na cultura moçambicana e esta religiosidade é posta nos romances através de entidades espirituais como espécie de guia para as personagens. Daí a autora realizar intertextualidade ligada aos mitos cosmogônicos, isto é, a origem do mundo. Desta forma, ela tenta explicar a força da cultura religiosa local através de uma vereda que liga passado e presente deslocando as personagens entre o sagrado e o profano.

Para Eliade Mircea (1998, p.9),

O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares.
[...] o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". [...] É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente.

No romance *O sétimo juramento* esta ligação mítica com a religião dar-se através de Vera, antes corrompida pela religião Católica, que regressa ao passado, tempo em que era jovem e através de flashback e monólogos interiores busca respostas, nos ensinamentos e culto aos mitos e deuses bantos, forma como pretende salvar sua família dos males que a afeta. É também através do incentivo da Avó Inês, que a Vera macula sua prática cristã, mostrando que a única saída está na sua raiz étnica.

– Esta noite, há esta hora, gostaria de consultar um adivinho, mas não posso. **Por causa da posição do meu marido.** Por causa de compromissos de fé com religiões que nada tem a ver com a minha origem. [...] Benditas sejam todas as religiões que dão liberdade para invocar o deus sol, o deus nuvem e o deus trovão. (CHIZIANE, 2008, p.62, **grifos nossos**)

David e Clemente, isto é, pai e filho pertencem a clãs espirituais rivais –Ndau e Nguni – que travam um combate espiritual pela liderança da família, o primeiro liga-se a feitiçaria negra e o segundo a branca. Estes termos são usados por Chiziane para demarcar os limites espirituais de cada personagem na obra.

Já em *Balada de amor ao vento*, Sarnau vive uma relação semelhante em seu relacionamento com Mwando, ela pertencente a uma religião local e, embora ele passe pelos mesmos ritos de iniciação que ela, considera-se cristão e é conhecido como, “[...] o que vive nos colégio dos padres” Chiziane (2003, p.13). Assim, Mwando é prometido a uma mulher mesmo tendo um relacionamento com Sarnau, mas o mesmo pelo fato de ser cristão, não aceita o casamento polígamo, abandonando-a grávida.

Os romances diferem no que diz respeito ao foco narrativo. No primeiro, protagonizado por Vera, o narrador é onisciente e dá voz ao interior das personagens através de monólogos interiores. Já no protagonizado por Sarnau, é a própria personagem quem narra todos os acontecidos.

Destaca-se assim a importância da imagem feminina nos romances criados por Chiziane, contudo ainda que as coloque como submissas, dá-lhes um retrato de redonda – visto em Foster –, já que, diretamente, ambas conduzem as narrativas e interferem na estrutura social patriarcal moçambicana. Tal característica atrela-se aos ideais do feminismo, revogando não só o cânone literário, mas colocando em evidência a sedução feminina e seu caráter identitário, as quais conduzem e protagonizam suas próprias histórias, além de laçarem-se contra culturalmente a opressão social e histórica, mostrando-se capazes de se desvencilhar de seus próprios problemas.

A conquista do espaço feminino acontecerá,[...], à medida que a mulher assumir seu discurso e, conseqüentemente, realize uma arte e uma crítica centradas na figura feminina, de modo que ela adquira visibilidade e voz, subvertendo o silêncio milenar a que sempre foi submetida.(ZIZANI, 2013, p. 26).

Vera tem seu objetivo alcançado e goza de plena felicidade após ultrapassar as barreiras sociais e religiosas que lhes foram impostas pelo convívio familiar. Já Sarnau, consegue quitar dívidas do lobolo com o ex-marido, mas não goza de felicidade plena.

É notória a submissão feminina nos dois romances, isto fica claramente exposto em várias passagens da narrativa. Vera, em uma das passagens, corre atrás do marido e deixa o filho a chorar, conforme explícito em:

David faz cara de zangado e levanta-se da mesa. Vera persegue-o, como uma cadela ao seu dono.[...]. No quarto dos pequenos [...], um deles chora. Vera corre em socorro do chorão. O marido diante do espelho chama-a. Larga o menino para cuidar do pai.(CHIZIANE, 2008, p.18 -19).

Já Sarnau mostra sua submissão diante de Mwando, quando diz aceitar ser outra esposa que não a primeira, sabendo dos acarretamentos que tem um casamento polígamo “[...] – Eu aceito ser a segunda mulher, ou terceira, como quiseres. Se tivesse dez mulheres eu seria a décima primeira. Mesmo que tivesse cem, eu seria a centésima primeira. O que eu quero é estar ao teu lado.” Chiziane (2003, p.29).

As personagens diferem e igualam-se dentro do convívio familiar, ambas são submissas às ordens que lhes são dadas pelos seus homens. Vera, de família rica e urbana não se detinha aos afazeres domésticos, porém era solícita quando David a chamava. Cabia a ela se preocupar com a ordem da casa e com o cuidado dos filhos. Assim como ela, Sarnau também assumia esses cuidados, porém fazia todas as tarefas da casa e, embora pertencesse a uma família real, era da zona rural – Mambone – e seus modos coloniais resultam de sua vivência tribal.

Chiziane (2003, p. 43), enaltece a figura masculina dentro do casamento e demonstra a força social familiar pela submissão feminina, quando escreve:

[...] Sarnau, o teu homem é o teu senhor. Se ele, furioso, agredir o teu corpo, grita de júbilo porque te ama. [...] Se ele trazer uma amante só para conversar, recebe-o como um sorriso, prepara a cama para que os dois durmam, aqueça a água com que se irão estimular depois do repouso, o homem, Sarnau, não foi feito para uma só mulher.

Sarnau ainda tem a dura tarefa de conquistar seu marido todos os dias, pois o seu casamento era poligâmico, ou seja, ela dividia com outras mulheres a atenção do rei Nguila. Com a atenção do rei dividida entre tantas mulheres, Sarnau sente-se solitária ao ver que o marido prefere e ama a quinta mulher – Phati, “O Nguila ama a Phati, e todas nós deixamos de existir. Eu sou um ornamento e mais nada” Chiziane (2003, p. 84). E ainda tem que conviver com os atos de feitiçaria praticados contra ela pelas outras esposas do Rei Nguila que tem em Mayi sua mulher preferida. Esta, por sua vez, tem símbolos grafados no corpo como uma representação de feitiçaria que faz o rei tê-la como preferida. Desta forma fica clara a representação das questões étnica de cada uma delas, enquanto uma contesta, a outra adere a esse tipo de feitiçaria. “Dizem as línguas do mundo que Mayi tem tatuagens nas coxas e no baixo-ventre que falam e até cantam. Que todas as manhãs, cobras de feitiço lambem-lhe o corpo, cospem sobre ela [...]” Chiziane (2003, p.57)

Em *O sétimo juramento*, o sincretismo entre sagrado e profano acontece no momento em que David liga-se aos rituais de feitiçaria, pois “[...] quer roubar sem ser punido. Violar sem ser condenado. Maltratar. Levitar para espaço nunca antes alcançados.” Chiziane (2008, p137).

David também adere à poligamia sem o conhecimento da mulher, ele o faz como forma de seguir as ordens de Makhulu Mamba espírito que rege sua iniciação na feitiçaria e que o aconselha a ter quatro mulheres. Seguindo os conselhos recebidos, ele, que tem seu casamento estável com Vera, mantém relações sexuais com sua filha, uma prostituta menor de idade e uma noiva espiritual.

– Saúde, dinheiro e amor. Terás quatro esposas, quatro pilares que te erguerão até o mais alto dos montes. [...] Quatro membros tem o homem. Quatro patas têm os bichos mais fortes da natureza. Quatro paredes tem um edifício. Quatro rodas tem um carro. Quatro é um número da estabilidade. (CHIZIANE, 2008, p.87)

Chiziane ao colocar quatro personagens femininas mostra a fraqueza e a submissão da mulher num primeiro momento da narrativa. Além disso, ela faz questionamentos sobre pedofilia e incesto, sendo este segundo considerado, pela própria autora, norteador por conceitos culturais, como fonte de renovação e purificação. Nota-se que o romance também está ligado à numerologia e aos números cabalísticos, sendo estes de forte influência nas religiões hebraicas e judaicas.

O lobolo é outro ponto que merece destaque nas obras em análise. Tendo Vera como uma mulher pós-colonial, moderna e urbana e Sarnau como colonial e rural, a comparação entre o lobolo nas duas obras dar-se pelo fato de que a personagem feminina, ao ser lobolada, torna-se propriedade do homem, elas são uma espécie de objeto, trocadas através de dotes pagos a família da noiva para que sejam cortados os laços familiares.

Em *Balada de amor ao vento*, Sarnau é lobolada por Nguila e tem como dote de trinta e seis vacas, das quais “[...] Com as vacas do meu lobolo, os meus dois irmãos casaram seis mulheres. Os irmãos das minhas seis cunhadas usaram o mesmo gado para casarem as suas esposas, e por aí adiante. Só as vacas do meu lobolo fizeram outros vinte e quatro lobolos.” Chizane (2003, p.144). Já em *O sétimo juramento*, não há o pagamento do dote, pois David não lobola Vera, eles são casados conforme as leis cristãs, mas lobola um espírito que será sua guia e protetora espiritual, que lhe abrirá os caminhos que tanto almeja.

No que se refere ao lobolo, a autora traz a visão do casamento em duas vertentes religiosas distintas, uma ligada à terra e às raízes ancestrais e culturais das tribos moçambicanas e outra segundo as leis cristãs. Sarnau casa-se segundo as raízes de sua tribo, excluída de sua união cristã com Mwando e David que se casa em duas religiões, lobola um espírito e, nas leis cristãs, com Vera.

Para Chiziane (2008, p. 90),

Lobolo é casamento. E como todos os casamentos do mundo é um contrato de desigualdade e injustiça, em que o **homem jura dominar a mulher, e a mulher jura subordinar-se e obedecer até o fim dos seus dias**. [...] as mulheres cantam e choram, porque o lobolo-casamento é um adeus à vida e à alegria. (**grifos nossos**)

O convívio dessas personagens em sociedade é de extrema submissão e serventia, sendo ela colonial ou pós-colonial. No romance em que Sarnau é protagonista, não aparecem muitas outras personagens femininas mimetizando mulheres da cultura moçambicana, mas todas são passivas, em relação às opressões sociais. De acordo com as histórias narradas, nos dois romances objetos de comparação, as personagens femininas representam mulheres da cultura moçambicana, as quais têm dever e obrigação, única e exclusiva com os cuidados do lar e da família. Até Phati, a quinta mulher do rei Nguila, que sempre fora a mais provocante e adorada, sempre estava disposta a realizar os desejos do marido em prol de seu gozo e prazer. Já a mulher de Mwando, Sumbi, não se detinha aos afazeres que eram seus por tradição, causando constrangimentos para a família do marido e sendo criticada pela sociedade a sua volta, exposto em, "No primeiro dia da vida conjugal, a Sumbi não cumpriu com as regras. Simulando dores de cabeça, não pilou nem cozinhou para os sogros. Sentava-se na cadeira como os homens, recusando seu lugar na esteira ao lado das sogras e das cunhadas." Chiziane (2003, p.61)

Assim como no romance protagonizado por Vera, as personagens femininas de *Balada do Amor ao Vento* continuam submissas, mesmo aquelas que exercem papéis funcionais e geram seu próprio sustento. Além disso, em ambos os romances a personagem feminina é fonte de prazer e erotismo e têm ligação entre o sagrado e profano. Daí Chizane ressaltar, através de suas personagens, que a mulher, simultaneamente, é vida, purificação, além de desejo e fonte de magia e feitiçaria, características sociais e místicas evidenciadas nos ritos de *O sétimo juramento*.

A submissão da personagem feminina e a ligação destas com o sincretismo religioso é exposto através dos monólogos de David,

[...] As seis raparigas são nhancuaves, eleitas esposas dos espíritos, futuras sacerdotisas. São interditas ao homem comum, porque o seu corpo é altar, destinado a ser possuído pelos espíritos ancestrais. [...] todas as raparigas naquela idade constroem sonhos, vivem sonhos, realizam sonhos. Estas são até proibidas de sonhar. A prisão espiritual é o mais severo de todos os cárceres. (CHIZIANE, 2008, p. 93-94)

Ainda sobre as questões sociais, vale ressaltar a importância das mulheres representadas como personagens na ficção produzida por Chiziane nos dois romances. Este fato é justificado pela teoria de Candido (2011) em sua obra *Literatura e Sociedade* e por Welck e Warren (1976) em *Teoria da literatura*. Nos romances de Chiziane os aspectos sociais e culturais estão evidentemente marcados, visto que a autora traz para a obra aspectos mimetizados do sistema político, econômico, hierárquico e cultural demarcados pelos momentos históricos do colonialismo e do pós-

colonialismo. Assim, pode-se afirmar, consoante a teoria de Wellek e Warren (1976, p.115) que para Chiziani, “A literatura não é ralmente um reflexo do processo social, mas sim a essência do resumo e o sumário de toda a história.”

As imposições familiares as quais estão submetidas às personagens femininas, em ambos os romances, é indissociável das implicações sócio-culturais, ou seja, mesmo dentro do lar há uma carga cultural que norteia a mulher a exercer determinadas tarefas. Há de se destacar nos romances a figura de duas personagens femininas mais velhas, que aconselham as noras – Sarnau e Vera – a tomarem as decisões, são elas, respectivamente, a rainha e Avó Inês.

A rainha sempre aconselha Sarnau a se resignar aos caprichos do marido e sorri-lhe, mesmo que algo não esteja de seu agrado. Ela incentiva Sarnau a ser igual a ela na tentativa de torná-la uma boa rainha, conforme exposto em,

– [...] Aprende a resignar-te e serás feliz. [...] Não chores, Sarnau, que os caprichos do homem não fazem mal a ninguém. O teu marido é como o pai, conheço-o bem, é meu vitelinho. Aqueles dois só se sentem bem nos braços das mulheres. Aprende a ser serva obediente e serás feliz. (CHIZANE, 2003, p.56).

Já a Avó Inês dá a Vera a chance de se libertar dos seus gritos silenciados e vai de encontro aos preceitos sociais, pois tem a esperança de salvar os netos do mesmo mal que recaiu sobre sua família, a destruição pela feitiçaria. Assim, ela prova pra Vera que mulher tem força. Nota-se um avanço quando as ideias de Avó Inês que mesmo tratando se de uma pessoa já de idade, mostra que suas perspectivas fogem ao que se é esperado.

– Não temas nunca um homem. Nós, mulheres, é que damos luz ao mundo. **Todo homem ganha existência no ventre de uma mulher.** Somos poderosas. Transformamos toda a força em nada e toda tensão em calma e sossego Somos água que arrefece o mais ardente dos fogos. [...] Homem é filho, é companheiro. **Respeita-o. Não o temas nunca!** (CHIZIANE, 2008, p. 37, **grifos nossos**).

Assim, percebe-se, a partir da citação acima, que nas imposições sócio-familiares, há um envolvimento com as questões religiosas e identitárias, visto que, ambas as personagens – Vera e Sarnau – ficam divididas entre os preceitos cristãos ligados ao catolicismo e a religião local ligada aos mitos e a feitiçaria. Isso afeta o caráter identitário das personagens, pois estas têm a difícil decisão de seguir o que sempre foram na infância, como uma espécie de retorno ao passado, ou seguir os conceitos cristãos, que Vera seguiria os do marido e Sarnau se converteria por Mwando, pois no início do relacionamento passa a frequentar a igreja, mesmo que não entendesse o evangelho e a pregação do padre.

Para Stuart Hall (2011, p.12) “A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. [...] A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica “sutura”) o sujeito à estrutura.” O que Hall quer dizer é que o sujeito recebe forte influência da sociedade na qual está inserido e é esse fator que torna Sarnau e Vera personagens dúbias, ambíguas, multiculturais, portanto redondas.

Assim a partir do momento em que as personagens se aceitam, partem em busca de seus ideais e passam a se reconhecer como ser social ávido, deixando de limitar-se a dominação e autoritarismo masculino e social. Desta forma, Chiziane põe em destaque a seguinte dualidade, que fora expressa por Zinani (2013, p. 25), a “situação cultural da mulher é relevante no sentido de verificar como ela vê o outro, como é vista pelo grupo dominante e, conseqüentemente, por si mesma.”

Quando elas – as personagens femininas – dão abertura a seu caráter identitário, elas desmistificam os preceitos sociais. Sarnau, por exemplo, aceita e vive livre e conscientemente seu amor com Mwando, deixando de culpar-se tanto pelo adultério, renegando as hierarquias sociais e vivendo a seu próprio modo, corrompendo em prol da sua felicidade. Já Vera, deixa de lado as dualidades religiosas, aceitando-se como filha da terra e recorrendo aos mitos como vereda emancipatória de si e de sua família.

Sendo assim, é inegável a relação de proximidade que tem os mitos, a etnia e a religião como formadores de abertura do caráter identitário feminino nos romances de Chiziane, *Balada de amor ao vento* e *O sétimo Juramento*.

A respeito dos títulos, em *O sétimo juramento*, Chiziane traz uma explicação cabalística, visto que, segundo o discurso narrativo, durante a vida são feitos sete juramentos, sendo ele o número da espiritualidade e da perfeição.

A vida é feita de juramentos [...] Os números são mágicos e sete é mágico por excelência tem sete dias cada semana e cada fase da lua. Sete portas do desconhecido. Sétima arte. Sétimo céu. Lobisomem é o sétimo filho, do sétimo filho do sétimo filho. [...] Quatro setes tem o ciclo da mulher. Sete vidas tem o gato, e o homem sete sinais de morte. (CHIZIANE, 2008, p. 151-152)

Já em *Balada de amor ao vento*, Chiziane traz uma explicação romântica na qual demonstra que Sarnau de tudo fazia e abdicava para viver seu amor com Mwando, mas este sempre a deixava. Apesar disso, no final, vencida, ela o aceita mais uma vez. “– Tu foste para mim vida, angústia, pesadelo. Cantei pra ti baladas de amor ao vento. Eras pra mim o mar e eu o teu sal. Nunca encontrei

os teus olhos nos momentos de aflição. No abismo, não encontrei a tua mão.” Chiziane (2003, p. 145).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou fazer um estudo comparativo entre alguns aspectos das obras *Balada de amor ao vento* e *O sétimo Juramente*, sendo estas respectivamente, o primeiro e o terceiro romance da autora. Em ambos os romances, Paulina Chiziane traz a imagem da mulher moçambicana mimetizada, que sempre fora submetida ao autoritarismo patriarcal repressor.

Nota-se as diferenças de linguagem, conteúdo e maturidade de escrita da autora, as quais, dizem respeito à personagem feminina, que nos enredos procurou seu caráter identitário embasado nas vivências sociais, culturais, familiares e étnicas. Paulina, traz assim, uma linguagem poética e próxima ao oral nas narrativas.

Ficou esclarecida a importância do estudo da teoria a respeito de personagem, visto que o enfoque fora as representações das imagens femininas, juntamente como o papel da sociedade dentro da obra de Chiziane, que a toma como recorte histórico dos períodos colonial e pós-colonial e como retrato ficcional a respeito das manifestações culturais e étnicas.

Já o gênero, foi importante, por ressaltar a imagem feminina, não somente mimetizada, mas como propagadora da cultura moçambicana como o faz Paulina Chiziane, que traz, nas personagens, o enfoque em seus dilemas e superações.

Assim, através dos aspectos antes teorizados, fica evidente a propagação da cultura moçambicana mimetizando, não somente, a imagem feminina como forma de reivindicação a austeridade do cânone literário e cultural, como também o desprendimento delas como fonte única de prazer e erotismo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Adriana M. de A. **Ficções do feminismo**. Bahia: Edições UESB, 2011.

BRAIT, B. **A personagem**. 4^o ed. São Paulo: Ática, 1990.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRUNEL, P. et all. **Que é literatura comparada?**. São Paulo: Perspectiva; Curitiba: EUFPA, 1990. Coleção estudos.

- CANDIDO, A. et all. **A personagem de ficção**. São Paulo: digital source, 2005.
_____. **Literatura e sociedade**. 12º ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- CARVALHAL, T. F. **Literatura Comparada**. 4º ed. São Paulo: editora Ática, 2003. (Série Princípios)
- CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. **Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa**. São Paulo: Alameda, 2006.
- CHIZIANE, Paulina. **Baladas de Amor ao vento**. 2º ed. Lisboa: caminho, 2003.
_____. **O Sétimo Juramento**. 3º ed. Lisboa: Caminho, 2008.
- DUARTE, Zuleide. **Outras Áfricas: Elementos para uma literatura da África**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2011.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 5º ed. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1998.
_____. **O Sagrado e o Profano: A essência das religiões**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FOSTER, E. M. **Aspectos do Romance**. Tradução Maria Helena Martins. Porto Alegre: Globo, 1969.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. 11º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e Escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas**. Rio de Janeiro: ed. UERJ, 2012.
- MOREIRA ALVES, Branca; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- PAGEAUX, Daniel-Henri. **Musas na encruzilhada: ensaios de literatura comparada**. Rio Grande do Sul: URI; São Paulo: Hucitec; Santa Maria: UFMS, 2011.
- POUTGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Tradução Elcio Fernandes. 2º ed. São Paulo: Unesp, 2011.
- ROSÁRIO, Lourenço do. **Moçambique: história, culturas, sociedade e literatura**. Belo Horizonte: Nadyala, 2010.
- WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura**. Tradução José Palla e Carmo. 3º ed. Portugal: Europa-América, 1976.
- ZINANI, Cecil J. A. **Literatura e Gênero: A construção da imagem feminina**. 2º ed. Rio Grande do Sul: EDUSC, 2013.